



**IX ANPED SUL**  
SEMINÁRIO DE PESQUISA EM  
EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL 2012

## A DANÇA COMO POSSIBILIDADE DE AÇÃO EDUCATIVA LIBERTADORA

João Batista Lima de Souza – UFSM

**Resumo:** O presente artigo ocupa-se de elencar quais seriam os benefícios oriundos da dança escolar, entre crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, no que tange a experiências de transformação de valores. Tem por objetivo delinear a história da dança como arte expressiva e, em paralelo, validar a possibilidade do resgate da identidade sociocultural dos referidos sujeitos através de atividades lúdicas em dança, permitindo-lhes ampliar seus repertórios de movimentos e de conhecimentos sobre o próprio corpo, bem como seus papéis enquanto indivíduos críticos e atuantes na sociedade em que vivem. O estudo irá utilizar de pesquisa bibliográfica que corrobore a temática. O mesmo terá seu conteúdo elaborado a partir do trabalho de pesquisa em dança desenvolvido por CUNHA, FERREIRA, NANI, OSSONA e VERDERI no que diz respeito a uma possível pedagogia para a dança no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** arte; corporeidade; dança; educação; escola.

### Introdução

A atividade de pesquisa não acontece isolada. Ela geralmente é realizada a partir da execução de diversos procedimentos que permitam ao autor correlacioná-los para, então, formular um discurso a respeito de determinado assunto. Com a dança não poderia ser diferente, pois esta se constitui em genuíno objeto de estudo (como qualquer outra área do conhecimento) e necessita de uma especial atenção por parte do docente, tanto nas aulas de artes como de educação física, haja visto seu valor e papel na formação do cidadão.

Verifica-se que o ambiente escolar reproduz, numa escala muito peculiar, a vida em sociedade que está estabelecida além dos muros das escolas. Não raro acabam indo parar na sala de aula (intencionalmente ou não) questões que *a priori* deveriam estar restritas aos círculos familiares dos alunos. E os professores, queiram ou não, necessitam encaminhar tais demandas de maneira que possam, enfim, dar conta da formação integral que tanto se almeja, nos bancos escolares, para os educandos do século XXI.

Muito se fala, nos atuais discursos relacionados a temas educacionais, sobre quebra de paradigmas e mudança de conceitos. Todavia, em se tratando de concepções e práticas de educação, estariam os profissionais que hoje atuam na formação de crianças e adolescentes dando, de fato, sua contribuição para que isto ocorra? Há uma colaboração eficiente para que a sala de aula questione e amplie a percepção do estudante a respeito dos problemas da

sociedade, melhorando seu entendimento sobre a complexidade do mundo que se lhes apresenta?

A prática da dança no ambiente escolar, sistematizada sob a forma da oficina pedagógica ou integrada ao currículo das disciplinas de artes e educação física, surge como um importante meio para que, paulatinamente, os alunos aperfeiçoem não apenas suas capacidades físicas, mas também, na compreensão da imagem que fazem de si próprios, quer diante de seus semelhantes, quer à frente de um universo em constante transformação, além de diversos outros.

O movimento, rítmico ou não, independente de estar relacionado à dança ou ao cotidiano de qualquer pessoa, traz consigo uma série de significados que surgem a partir de processos mentais, das vivências e reflexões de cada indivíduo. Exteriorizado, tal movimento expressa-se como uma genuína linguagem através do corpo, uma forma de falar. Quando esta linguagem é compreendida, compreende-se também o corpo; analisando-se o que emana do corpo, percebe-se o que o indivíduo tem a dizer (comunicar) para seus semelhantes.

Neste contexto, a dança surge como um importante exercício para a ação-reflexão-ação do aluno, permitindo ao mesmo compreender ora a própria história, ora colocar-se como o ator principal no intrincado roteiro de sucessivos acontecimentos e etapas cronológicas os quais denominamos vida. Através da dança, o estudante abandona o papel de coadjuvante, posto que se envolve, se analisa e, devidamente motivado, procura a superação de seus limites – físicos e expressivos.

Assim, diante da preocupante situação pela qual muitas famílias carentes passam na atualidade (falta de oportunidades de trabalho digno, insuficiência de renda para as despesas básicas, problemas de relacionamento, violência doméstica, ausência de diálogo e de modelos a serem seguidos para uma vida plena de realizações), a dança escolar pode assumir um efeito catalisador na vida dos alunos que a praticam. Como muitos exemplos já vistos nas modalidades esportivas, a dança também se constitui em uma via para a superação de limites e transformação da realidade.

## **1 Despertando para o universo do movimento**

Ao abordar a questão da dança na escola é necessário, primeiro, observar alguns aspectos históricos desta que, segundo Gaspari (2005), é considerada uma das formas mais antigas de manifestação da expressão corporal. Ela nos acompanha desde os primórdios e esteve presente nos primitivos processos de comunicação da humanidade. Neste aspecto, é

possível lembrar, por exemplo, das danças rituais realizadas nas tribos em homenagem aos seus deuses ou em momentos específicos, como nos cerimoniais de iniciação e passagem.

Desde a consolidação da história o homem dança. O homem dançava desde o momento em que desenvolveu, rudimentarmente, as habilidades que, a despeito do passar do tempo e da conseqüente evolução de sua espécie, hoje lhe caracterizam. Nas cavernas, deixou inúmeros registros retratando sua vida, em diferentes períodos da antiguidade, gerando farto material de estudo para pesquisadores das pinturas encontradas em paredes e tetos de cavernas.

A este respeito, Verderi (2009, p. 25) enfoca que

o homem primitivo dançava por inúmeros significados: caça, colheita, alegria, tristeza, exorcizar um demônio, casamento, homenagem aos deuses, à natureza etc. O homem dançava por tudo o que tinha um significado, sempre em forma de um ritual. Podemos dizer que a dança é a arte mais antiga que o homem experimentou e a primeira arte a vivenciar com o nascimento. E como tal, o homem e a dança evoluíram juntos nos movimentos, nas emoções, nas formas de expressão e na arte de transformar os seres deste mundo.

Independente da época, em qualquer lugar do mundo a dança teve para as pessoas o papel de representar o modo como estavam se sentindo, trazendo consigo a expressão de suas características culturais. Nani (1995, p. 05) aponta que o ser humano utilizou a dança como linguagem corporal, simbolizando alegrias, tristezas, vida e morte, para celebrar o amor, a guerra, a paz. Ou seja, ela representou diversos aspectos da vida humana.

Transmutando-se ao longo dos séculos, assim como o homem, a dança incorporou aspectos que passaram a ser considerados, e compreendidos, como integrantes de sua suposta natureza. Exprimindo intensas ou superficiais emoções sem o auxílio da palavra, ela instigou o corpo a usar sua própria linguagem, já que a palavra, muitas vezes, revelou-se e tem se revelado ainda insuficiente para determinadas descrições.

Mendes (1987, p. 10-11), toma a dança como arte expressiva:

Ela vale pelo que é, pelo prazer em quem a executa ou a assiste, desde que realizada dentro do espírito que lhe é específico. E quando, através dos tempos, o seu desenvolvimento a foi tornando altamente complexa, passou a ser executada também por pessoas ou grupos organizados, com estudos específicos, em palcos ou em outros espaços adequados, sendo, então, conhecida como *balé*, atividade que começou a delinear-se na Renascença, união da dança, música, artes plásticas e declamação.

Segundo a autora, a dança emerge do meio do povo na Idade Média e, na Renascença, em paralelo às grandes mudanças que ocorrem nas artes plásticas e na música, também desenvolveu-se em muitos aspectos. Com o passar dos séculos, várias personalidades dançantes (grandes dançarinos ou grandes mestres conceituais) permitiram à dança, hoje, ter múltiplas identidades.

Nomes como George Balanchine (dança abstrata e como um enredo em si mesma); Ruth Saint Denis (que ensinava tudo o que era relativo ao palco e à apresentação e foi professora de Martha Graham e Doris Humphrey, destaques da dança moderna); Pina Bausch (transformadora da dança alemã, relacionando suas coreografias à veracidade e à realidade, criando o conceito de dança-teatro) destacaram-se a este respeito.

A dança evoluiu, geração após geração, acompanhando o desenvolvimento da humanidade e da sociedade. Com isso, inúmeros estilos e modalidades foram criados; performances aprimoradíssimas receberam muitos aplausos. Ela saiu dos teatros, dos palcos e voltou às ruas, à vida das pessoas, conquistando espaço cativo em seus corações. Talvez por tais motivos, atualmente, os concursos e festivais de dança atraíam os olhares de tantos, chegando inclusive à tela da televisão como um verdadeiro espetáculo.

## **2 Dança e escola: uma possível, e valiosa, combinação**

No que tange ao ambiente escolar, a dança permite uma transformadora abordagem e possibilidade que, infelizmente, não se encontra compreendida, nem valorizada, de todo. Obviamente, para que uma aula versando sobre o assunto não se torne uma simples repetição de gestos, o docente terá de dedicar-se a estudos específicos, o que não é diferente quando se abordam outros conhecimentos que fazem parte da cultura corporal de movimento, como é o caso do desporto.

A respeito de tal situação, Verderi (2009, p. 41) pontua a importância de uma quebra de paradigmas frente à “visão fragmentária de corpo e mente que nos leva a aspectos negativos na educação e, conseqüentemente, na nossa sociedade”. Enfocar a mente e o corpo como instrumentos a serem manejados é algo a ser refutado, é preciso que os alunos deixem de ser corpo-objeto e tornem-se corpo-sujeito, corpo-vivido, explica a autora.

Podemos observar em nossa sociedade várias ações de domesticação do corpo. Corpos sendo manipulados e manejados em virtude da lucratividade. [...] São corpos úteis a determinadas funções no cumprimento de ordens, e ainda muitos se acham importantes nas funções que ocupam; corpos sem significados, rotulados e submetidos aos mecanismos das estruturas do poder (2009, p. 42-43).

Percebe-se em alguns educandários e, preocupantemente, na postura de alguns gestores, certo descaso ou despreocupação com relação à dança. De fato, há pontos nebulosos a serem ultrapassados neste aspecto, pois além desta ser uma prática que leva ao desenvolvimento de diversas capacidades físicas, permite também o contato do aluno consigo mesmo e com o outro, diante do espelho ou não, experiência mágica que o direciona a reconhecer-se, a reconhecer o outro, a localizar-se no espaço e no tempo.

Temos, com a dança, o entendimento do corpo considerando sua existência, o corpo próprio, como falou Merleau Ponty, filósofo que redimensionou a compreensão do físico, concentrando-se na experiência do sujeito no mundo, vivida com o corpo. Por isso a dança, enquanto abordagem da cultura corporal de movimento, torna-se uma valiosa possibilidade para o tão sonhado desenvolvimento integral que nós educadores desejamos ver brotando e se fortificando entre nossos alunos ávidos por experiências e referências de fato significativas.

Como ação pedagógica, a dança pode assumir várias intenções. Na busca pela descoberta de diferentes formas de movimento, ela pode despertar a criatividade. Nas ações que se utilizam da música, da percussão ou do canto, ela trabalha o ritmo e, por tabela, a dinâmica dos movimentos, a atenção e a concentração.

Permitindo uma reflexão sobre os sentimentos e os pensamentos do aluno, ela pode se tornar um canal aberto para dar vazão à expressividade, algo tão almejado pelos professores de todas as disciplinas, que veem nas salas de aulas estudantes sentindo-se envergonhados ao apresentar um simples trabalho oral. Assim, ela permite uma canalização dos bloqueios emocionais apresentados por muitas pessoas na sociedade atual, chegando inclusive a ser uma espécie de terapia, como é o caso da Biodança.

Nanni (1995) enfoca o processo criativo facultado pela dança educacional como “um substancial alimento para o espírito, concorrendo para o desenvolvimento das potencialidades do homem, favorecendo seu total crescimento físico, mental e emocional”.

A mesma autora salienta que

a dança possibilita a educação integral, pois como processo educacional faculta: perfeita formação corporal; espírito socializador; possibilita o processo criativo; desenvolve aspectos éticos e estéticos. Ela é a manifestação da essência do ser humano nas suas faculdades físico mental e emocional pela necessidade intrínseca do mesmo se expressar e comunicar-se com seus semelhantes. A nossa sociedade compartimentaliza muito o homem: primeiro ele pensa, depois cria e por fim age. A dança/educação procurando desenvolver as potencialidades integradas do ser, concorre para a educação integral (Nanni, 1995, p. 129).

A dança, de fato, amplia horizontes. Por isso é tão importante que se invista nela. Alguns educandários dão importantes demonstrações a este respeito, pois já se sensibilizaram para a causa e, inclusive, dispõem de espaços, equipamentos e horas-aula destinados às práticas relacionadas à dança. Outros, entretanto, remediaram-se com as apresentações preparadas em decorrência das efemérides assinaladas no calendário escolar e contam com o auxílio de alunos que, na prática, tem melhor repertório motor do que os próprios professores.

No mundo atual, a evolução tecnológica acabou gerando uma série de limitações ao corpo, assim como criou diversos enquadramentos quanto à sua perspectiva. Desta forma, as pessoas se tornaram mais carentes por atividades físicas. Ignoram, não raro, os próprios benefícios para a saúde do corpo – um discurso básico no cenário atual da saúde pública ou coletiva.

Abordando a questão da modernidade frente ao corpo, Nanni (1995) observou a dança como um instrumento de extravasamento de qualquer tensão acumulada. Segundo ela,

a dança concorre para compensar este desequilíbrio, como válvula de escape às tensões emocionais, como uma fonte de lazer para o homem estressado pelo desgaste diário, e outras. O homem é uma soma de energias físicas, emocionais, intelectuais e espirituais e deve desenvolver-se e aprimorar-se através do processo educativo em todos os seus atributos e valores. A dança faz parte deste processo. Ela vem ao encontro destas necessidades para atender as metas da educação, contribuindo amplamente para o desenvolvimento integral do ser humano, pela sua perfeita formação corporal, espírito de socialização (trabalho de equipe); por sua criatividade (estímulo à imaginação e ao espírito criador); pelo incentivo a descobertas dos princípios do universo, pelos aspectos estéticos e talentos que faz desabrochar no homem, transformando-o e tornando-o integrante e integrado à comunidade em que vive (Nanni, 1995, p. 134).

A dança é um instrumento extraordinário, quer como educação, quer como arte, capaz de tornar possível, e real, a vivência plena do homem com o seu corpo. A prática pedagógica da dança instiga a ação e a reflexão do aluno sobre si, sobre a realidade em que vive, permitindo-lhe despertar para o universo do movimento.

Ossona (1998) explicita que

falta entre nós o professor que se situe num ponto intermediário, que parta da base de que toda a criança é apenas uma possibilidade a ser explorada no terreno vocacional, e que a dança deve ser um prazer e um enriquecimento, e é nosso dever oferecer essas possibilidades à maior quantidade de crianças, com a finalidade de que entesourem para sempre esse caudal, que cresça e amadureça com eles e forme parte das mais belas recordações da infância (1998, p. 155).

Os diversos aspectos da dança entrelaçam-se no desenvolvimento e estabelecimento de uma consciência crítica a respeito de si, dos outros, do universo que nos cerca e, obviamente, influenciam diretamente na formação da auto-imagem e da auto-estima do aluno. Por isso é importante que os professores prestem atenção ao tema e busquem em atividades como a dança tarefas adequadas e estimulantes aos estudantes, ao mesmo tempo em que lutam por espaço e materiais e pelo respeito ao conteúdo nas escolas.

### **3 Conhecer para sair do lugar-comum**

Na atualidade, as várias possibilidades que encontramos para o processo de ensino e aprendizagem não devem se caracterizar em simples transmissão de conhecimentos ou imitação de gestos, onde o aluno atua apenas como receptor passivo, acrítico, inocente e indefeso. Tal lógica, inclusive, não se aplica somente a esta área em específico, mas a todas as demais.

Os ensinamentos sobre o corpo devem ser abordados como práticas pedagógicas desenvolvidas em um processo de ensino e aprendizagem, levando em consideração o sujeito aluno, seu contexto e os ambientes com os quais interage na vida em sociedade, criando-se múltiplas possibilidades para a construção desse conhecimento. Assim estaremos contribuindo, enquanto profissionais, não apenas com aprimoramento físico de nosso aluno, mas com a ampliação de sua bagagem cultural.

Sábias palavras são acrescentadas por Kunz (2005), que enfatiza

a necessidade de promover, sempre que possível, a problematização das atividades. Porém, uma problematização que permita: liberdade de agir e descobrir formas de movimento individualmente significativas; conhecer e interpretar o contexto objetivo em que se realizam as atividades, bem como a si próprio e os outros envolvidos; participar nas decisões e soluções das atividades sugeridas e apresentadas; por fim, desenvolver a capacidade de autonomia ou emancipação pelas atividades, aceitando sempre diferentes soluções para cada atividade sugerida (2005, p. 82).

Em todas as disciplinas do currículo da educação básica é necessário planejar aulas onde as atividades permitam aos alunos assimilar conhecimentos para que, mais tarde, levando-se em consideração o processo de ensino e aprendizagem e a progressão do conhecimento, estes possam ser aplicados em outros momentos de sua vida, com um novo significado. Na dança, por exemplo, uma pequena sequência de movimentos rítmicos passada pelo professor na aula de hoje pode, amanhã, transformar-se em um passo originalíssimo na pista de dança do clube, durante um saudável momento de lazer do jovem.

As crianças descobrem o mundo através do movimento, das sensações. Então, constitui-se em uma grande incoerência o fato de que estas mesmas crianças, na medida em que progridam nas séries do ensino fundamental e do ensino médio, afastem-se das atividades corporais. Participar de alguma atividade motora na escola é tão importante quanto ser alfabetizado, ter uma boa alimentação, receber carinho e afeto dos pais.

Estes aspectos entrelaçam-se no desenvolvimento e estabelecimento de uma consciência crítica, no aluno, a respeito de si, dos outros, do universo onde transitam e, obviamente, influenciam diretamente na formação da auto-imagem e da auto-estima. Tal trabalho de base, e que representa um grande desafio docente, pode permitir que os educandos do presente sejam cidadãos com um bom nível de qualidade de vida no amanhã.

A dança vai além de sua função artística; ela desenvolve a psicomotricidade (cognitivo, físico e afetivo) e também é uma maravilhosa possibilidade para a aquisição de hábitos saudáveis entre os alunos de qualquer nível da educação básica. Assim, faz parte não só da área da arte, mas também de educação e saúde. Esta lógica se encontra parcialmente contemplada nos documentos oficiais do Ministério da Educação norteadores dos currículos escolares e não aborda a questão da saúde, embora assinalasse importantes aspectos de ordem subjetiva.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, os conteúdos relacionados à cultura corporal de movimento figuram como saberes construídos pela humanidade podem ser palco de abordagem dos mais diferentes temas: gênero, práticas corporais em espaços públicos, entre outros.

cada um desses conteúdos possui uma vinculação social com a realidade atual, tal como a vinculação do esporte à indústria cultural e à produção do espetáculo televisivo e venda de produtos. A dança, por sua vez, possui vinculações étnicas, culturais e históricas, bem como relações de gênero a serem discutidas na escola (2008, p. 229).

Em vista disso, a articulação dos conteúdos pode permitir ao professor, através da dança, atingir seus objetivos mais essenciais no processo de ensino aprendizagem, como a autonomia através das práticas corporais e o acúmulo e a produção cultural sobre os conhecimentos que são construídos ao longo das aulas.

No ambiente escolar, a dança criativa ou educativa propicia aos alunos o autoconhecimento, as vivências de corporeidade, relacionamentos estéticos com outras pessoas e com o mundo, incentivando a expressividade artística e humana. Além disso, permite liberar a imaginação e a criatividade, sendo uma forma de comunicação e de



conhecimento. A dança integra o corpo e a mente, trazendo aos alunos relações entre o mundo à sua volta e aquele universo que existe dentro de si.

Teóricos do ensino-aprendizagem como Gestalt, Piaget e Vygotsky sublinham que este processo acontece através das relações externas e internas de um indivíduo. A dança na escola trabalha dentro desta perspectiva, pois em uma aula o aluno recebe novas informações, relacionando com as já existentes e com o meio em que está, criando novas informações, gerando conhecimento.

O professor fundamentado nos princípios da dança escolar proporciona ao aluno atividades que podem estimular, motivar, desenvolver e comunicar ideias e movimentos. Estas atividades estimulam a capacidade de solucionar problemas de maneira criativa; desenvolvem a memória, o raciocínio, a socialização, a autoconfiança e a autoestima, fazendo com que o indivíduo tenha uma melhor relação com ele próprio e com os outros. Obviamente, os conhecimentos obtidos dentro desta sala de aula são levados para a vida.

Na área da saúde, a dança pode ajudar em várias situações, tanto na parte física quanto na emocional. Dentro dos seus benefícios estão o controle do peso, o aumento da força muscular, o fortalecimento do tecido cognitivo e da flexibilidade, a diminuição da pressão arterial e dos batimentos cardíacos, o aumento da ventilação pulmonar, a diminuição do estresse e da ansiedade, a melhora da tensão muscular e da insônia, além da coordenação motora e do ritmo.

Considerando que muitas questões de ordem emocional estão ligadas à repressão de sensações ou sentimentos, o trabalho expressivo que permeia a dança, como já dito anteriormente, pode ser uma significativa via para que esta “força” internalizada venha à tona, gerando um efeito catártico.

#### **4 Definindo objetivos**

Sabemos que, conforme o contexto, a dança pode adquirir diferentes objetivos. Para a dança desenvolvida no ambiente escolar, a partir da sistematização dos conteúdos que podem ser desenvolvidos ao longo de um ano letivo, é possível pensar em determinados trabalhos a serem realizados. Dentre eles, destacam-se ações no sentido de:

- Possibilitar a exploração da criatividade através da descoberta e da busca de novas formas de movimentação corporal;
- Viabilizar a educação rítmica pela utilização de diferentes movimentos e por utilizar a música, a percussão, o canto e outros recursos como instrumentos auxiliares;
- Canalizar a expressividade, por refletir sentimentos, pensamentos e emoções;

- Ampliar os horizontes e formar pensamentos críticos, conduzindo a participação, compreensão e construção das atuais conjunturas das artes e também das condições de cidadania;
- Levar à apreciação e valorização artísticas, dando ênfase às contribuições culturais e históricas contidas nos trabalhos de dança;
- Propiciar a superação das dificuldades e também o desenvolvimento das capacidades físicas.

Além disso, uma aula de dança também pode privilegiar a orientação da exploração corporal do aluno como um todo. Ele vai conhecer as diversas manifestações dançantes da cultura corporal de movimento, discuti-las e atentar para a criatividade de suas possibilidades de movimentação corporal, transformando-as em dança.

Para chegar a esta finalidade, os participantes poderão reproduzir as manifestações já existentes, transformá-las conforme suas necessidades e apresentá-las em forma de espetáculo, e também passar a apreciar as diferentes modalidades de dança. Ainda, os alunos poderão, com a supervisão do professor, desenvolver um blog na internet com o objetivo de registrar o trabalho que está sendo realizado, bem como divulgar para toda a comunidade textos e fotos relacionados à dança, fazendo um elo com a área de informática.

Tendo em vista o enfoque do presente artigo, é possível afirmar que, de fato, a dança praticada na escola figura como uma alternativa válida não apenas para a realização de um mero trabalho corporal, mas para o encaminhamento dos diversos aspectos que se encontram imbricados na educação integral. Ela é um importante exercício para a ação-reflexão-ação do aluno e permite ao mesmo compreender a própria história e superar seus limites físicos e expressivos. Assim, reafirmando o que já foi aqui dito, diante da preocupante situação de vulnerabilidade social pela qual muitas famílias passam, a dança escolar pode, sim, assumir um efeito catalisador na vida dos alunos.

## 5 Referências

CUNHA, Morgada. **Dance Aprendendo – Aprenda Dançando**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/MEC, 1988.

FERREIRA, Vanja. **Dança Escolar – Um Novo Ritmo para a Educação Física**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação**. 14. ed. Porto Alegre: s.n., 2006.

GASPARI, Telma C. **Educação Física Escolar e Dança: uma proposta de intervenção**. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

JOHANN, Jorge Renato (org) et al. **Introdução ao Método Científico**. Conteúdo e Forma do Conhecimento. 2. ed. Canoas: Ed. Ulbra/Sulina, 1999.

KUNZ, Elenor; PIRES, Giovani De Lorenzi (Coord.), **Didática da educação física 2**. 3. ed. Ijuí: Ed. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2005.

MEC-PCNs. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

MENDES, Miriam Garcia. **A Dança**. 2. ed. São Paulo: Atica, 1987.

NANNI, Dionísia. **Dança Educação – Princípios, Métodos e Técnicas**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

OSSONA, Paulina. **A Educação pela Dança**. São Paulo: Summus, 1988.

VERDERI, Érica. **Dança na Escola – uma Proposta Pedagógica**. São Paulo: Phorte Editora, 2009.